

A DESSACRALIZAÇÃO DA SOCIEDADE OCIDENTAL: DO RENASCIMENTO À REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Nicolas Theodoridis
Doutorando na Universidade Salgado de Oliveira
Mestre em História Comparada
PPGHC/UFRJ - IH/LHER
Academia Teresopolitana de Letras
Academia de Letras do Brasil
Membro do Elos Clube de Teresópolis
Membro da Federação das Academias de Letras
do Estado do Rio de Janeiro
PhI – Doutor em Filosofia Universália
Escritor da Ordem de Platão

O estudo das modificações ocorridas na sociedade ocidental no corte temporal que vai do século XV até o XVIII tem como elemento norteador as mudanças de percepção de visão de mundo, perpassadas na Europa, advindas de um intenso processo de dessacralização, iniciado na Renascença¹ e que resultaram na revolução científica dos séculos XVII e XVIII². Faz mister delimitar mais precisamente que o homem que se faz referência é oriundo das camadas intelectualizadas e que o poder de penetração das ideias não se fez de maneira uníssona nos países europeus, como também não o foi em intensidade.

Para tanto, far-se-á uma análise histórica desta mutação, no sentido tradicional, ou seja, determinando a gênese dos diversos elementos que surgiram e evoluíram ao longo desses três séculos, buscando desta maneira reconstituir o caminho perpassado pelo pensamento europeu no período compreendido.

O presente estudo, portanto, enfoca a dimensão ideológica dessa transformação, ou seja, do pensamento religioso para o científico, analisando as rupturas/permanências advindas das principais correntes de pensamento, como também das resultantes dessa

¹ - Termo cunhado por Giorgio Vassari (1511-1574) no intuito de designar a retomada do estilo clássico na pintura e posteriormente se espalhando para outras áreas da arte. Desconsiderado anteriormente do ponto de vista filosófico, o movimento atualmente tem sido visto como detentor de uma identidade própria, desenvolvendo uma concepção específica de filosofia e do estilo de filosofar que, rompe com a escolástica medieval, sendo o traço mais característico desse período o Humanismo.

² - Na visão de Georges Gusdorf a chamada “revolução filosófica e científica” se inicia na figura de Galileu, tendo como principal característica a introdução do racionalismo mecanicista com modelos e inteligibilidades próprias.

nova estrutura do saber impactadas na sociedade latina³, recuadas ao século XV indo até a Revolução Francesa⁴. Para melhor entendimento, Falcon analisa que

Em sua extensão, numa perspectiva linear, descobre-se afinal o lento construir de uma “visão de mundo” completamente nova, cuja concretização iremos contemplar no apogeu das “Luzes”⁵, vencidas a duras penas a sua “crise de consciência” (p. 06).

Já na visão de Hilário Franco Júnior, os quatro grandes movimentos que foram relacionados ao período moderno, são, na realidade, de origem medieval. O primeiro desses movimentos, o Renascimento, recorreu a modelos culturais clássicos aos quais a Idade Média já cultuava e suas características básicas tais como o individualismo, racionalismo, empirismo e humanismo, já estavam presentes na sociedade medieval europeia desde o século XII. O Protestantismo esteve relacionado com a crise religiosa do século XVI veio a atender às necessidades profundas decorrentes das transformações sócio-culturais verificadas desde os tempos finais da Idade Média. O terceiro movimento, os Descobrimentos, relacionados com as inovações das técnicas náuticas (bússola, astrolábio, mapas), nas motivações (metais preciosos, especiarias e cruzada evangélica) e suas metas (Índias) estavam assentados em bases medievais. Por fim, a Centralização Política, relacionada ao Estado Moderno, já tinha sido efetuado, por exemplo, por Portugal em 1140, com Afonso Henriques, Henrique II (1154-1189) na Inglaterra e Luis IX (1226-1270) na França (pgs. 171e 172). Conforme explana Corvisier, os historiadores estão longe de concordar com os limites cronológicos desta nova era.

A passagem da Idade Média⁶ para a Modernidade⁷ coloca-se dessa maneira dentro da perspectiva de construção de um saber diferenciado do anterior, ou seja, do período dominado pela teologia cristã na cristandade ocidental⁸. A própria expressão de

³ - Refere-se à parte ocidental do cristianismo que tinha como língua no período da alta e média Idade Média o latim como língua mater.

⁴ - Iniciada em 14 de Julho de 1789 com a queda da Bastilha, teve vários períodos distintos a serem observados (Terror - 1793/1794 – Diretório – 1795/1799 - Período Napoleônico 1799/1815), mas que para o referido tema do trabalho não será necessário adentrar mais verticalmente ao assunto.

⁵ - O termo Luzes é designado como contrário ao período que o homem ficou preso as concepções teológicas sem o predomínio da razão. Daí a concepção de iluminar a ignorância dos homens.

⁶ - Na perspectiva cronológica da civilização ocidental é o período compreendido entre 476 (Queda do Império Romano do Ocidente) e 1453 (com a queda da cidade de Constantinopla pelos turcos otomanos, assim com também o fim das operações militares da Guerra dos Cem Anos.)

⁷ - Período cronologicamente posterior ao anterior, compreendido entre 1453 e 1789 (Revolução Francesa).

⁸ - Termo que designa o conjunto de territórios cristãos localizados no ocidente europeu e com isso, toda uma civilização. Foi a partir do contato com as invasões islâmicas, em princípios do século VIII que ocorreu tal tomada de consciência, deteriorando as relações com os cristãos orientais, mais precisamente os bizantinos, devido às percepções de suas próprias diferenças.

mundo moderno define-se, como pressupõe, de ser constituída de algo novo em contrapartida aquilo que acaba se tornando antigo, significando contrapor o atual com o que se identifica de velho. Esta transformação é particularmente visível nas “relações entre o homem e a natureza, bem como na luta empreendida pela Igreja contra os avanços do espírito matemático-natural” (FALCON, 1982, p. 07)

O novo trazido inicialmente por Giordano Bruno⁹ e tendo sua expressão máxima em Galileu¹⁰ tinha como tema um novo conceito de verdade, não a da verdade revelada e sim

Uma verdade da natureza, autônoma, própria, com suas leis, com sua linguagem, ao alcance do saber humano. Contra a transcendência, irá afirmar-se, para a natureza e para o conhecimento, o princípio puro da imanência. Afirmando-se pouco a pouco em várias direções, ocupando sempre novos territórios, a imanência assume um caráter predominantemente naturalista, impondo-se cada vez mais numa dialética homem-natureza, cuja expressão típica será o racionalismo moderno (FALCON, 1982, p. 08).

A passagem da transcendência para a imanência é identificável através da racionalização, ou seja, da emancipação do pensamento teológico metafísico, de uma visão dominada pela revelação para outra de caráter naturalista, já visível no humanismo renascentista, mas que culminaria na Ilustração setecentista.

Conforme explanado anteriormente no início, os processos dessa secularização do saber e da dessacralização da sociedade ocidental alcançaram amplos setores da sociedade, tanto na teoria como na prática, envolvendo diferentes níveis de realidades na cristandade ocidental, efetuando uma reordenação do eclesiástico pelo secular, do sagrado pelo profano, do transcendente pelo imanente e por fim, do sentimento pela razão. Isso significa dizer que existiram diversas secularizações, cada qual em ritmos próprios e por vezes contraditórios (FALCON, p. 09 e 10).

⁹ - Giordano Bruno (1548-1600) foi filósofo, astrônomo e matemático e incomodou a Igreja Católica com suas teorias sobre o universo infinito e a multiplicidade dos sistemas siderais, rejeitando a teoria geocêntrica tradicional, ultrapassando a teoria heliocêntrica de Copérnico que ainda mantinha o universo finito com uma esfera de estrelas fixas. Foi executado na fogueira pela Inquisição em 17 de fevereiro de 1600.

¹⁰ - Galileu Galilei (1564-1642) foi físico, matemático e astrônomo italiano tendo construído a primeira luneta astronômica em Veneza, efetuando, com isso, observações da Via Láctea a partir de 1610, que o levaram a adotar o sistema de Copérnico, concluindo que era a Terra que girava em torno do Sol. Acusado pela igreja, acabou morrendo em exílio domiciliar e cego. Em 1983, a Igreja reviu seu processo e o absolveu.

No contexto dos processos iniciados no século XV, a renovação trazida pelo Humanismo¹¹ foi favorável à transformação cultural/cosmológica do mundo ocidental, rompendo os limites impostos anteriormente pela fé, criticando a visão tradicional e os valores perpetuados pela teologia medieval, não se tratando apenas de disputas relativas à ciência em sua relação à fé, mas também de “um confronto de ideologias, em que o nominalismo¹², constitutivo histórico do “individualismo”, se contrapunha a uma percepção hierárquica e “holista” do mundo social” (WOORTMANN, 1997, p. 17).

O Individualismo é, portanto, a verdadeira essência do movimento renascentista, é também “a afirmação da experiência individual, da liberdade da consciência cristã diante de quaisquer imposições tirânicas, cerceadoras do livre-arbítrio” (FALCON, 1982, p. 19), constituindo o humanismo uma

[...] ruptura e um começo. Ruptura dupla, aliás: a do indivíduo face à sociedade tradicional, suas estruturas, suas formas de pensamento; a dos valores culturais da nova visão do mundo que começa então a tomar forma, com relação àqueles que haviam dominado até então as diversas formações sociais europeias (FALCON, 1982, p. 11).

Com isso, ter-se-á a passagem de um tipo de conhecimento marcadamente classificatório para outro cuja prerrogativa é interrogatória, inquiridora, ativa, pautada na observação e na experimentação, distanciada dos argumentos de autoridade eclesiásticos.

Mesmo observando a descontinuidade do pensamento teológico nas premissas humanistas, por outro lado, até o Concílio de Trento (1545/1563)¹³ a maioria dos pensadores inovadores pertencia ao clero, mesmo que não a alta hierarquia eclesiástica. Por este motivo, o ambiente intelectual não era inteiramente liberal, mas com a efervescência do debate no campo das ideias, muitos eclesiásticos acabaram se voltando para as premissas humanistas, vindo a propiciar terreno extremamente fértil para a eclosão

¹¹ - O Humanismo, expressado na literatura e na filosofia, foi buscar seu lema no filósofo grego Protágoras (480 a.C.- 410 a.C.) em seu célebre fragmento “O homem é a medida de todas as coisas”, marcando de forma decisiva a ruptura com o período medieval. O rompimento com a visão teocêntrica e com a concepção-teológica medieval vai dar ênfase do interesse pelo homem considerado em si, tendo em Nicolau de Cusa (1401-1464) na obra “*De Conjecturis*” (1443) a valorização da liberdade humana (*dignitas hominis*), vendo o homem como centro da Criação lhe atribuindo uma dignidade natural, inerente à sua própria natureza enquanto ser humano. O homem, portanto, é um microcosmo, que reproduz em si a harmonia do cosmo.

¹² - Guilherme de Ockham (1284-1349) – provavelmente o filósofo mais influente do século XIV já atacava o pensamento aristotélico existente na teologia medieval.

¹³ - Conhecido também como “Contrarreforma”, o 19º Concílio Ecumênico foi realizado na cidade de Trento, na área do Tirol italiano e teve como principais objetivos combater a expansão do protestantismo, iniciado por Lutero em 1517, e da reorganização de várias comunidades religiosas já existentes, assim como a criação da Companhia de Jesus, ou Ordem dos Jesuítas, tendo como fundador Inácio de Loyola.

das primeiras sementes da tolerância religiosa que, ao brotar, deram início ao derradeiro passo para o liberalismo, como também para o deísmo¹⁴.

A ciência da época era especulativa e servia para confirmar a fé devido à falta de como verificar experimentalmente as hipóteses levantadas, marcadas numa sociedade ainda centrada na explicação aristotélico-tomista¹⁵ do mundo.

Uma nova estrutura do conhecimento, advinda do humanismo crítico “assinala o ponto de divergência de uma evolução mais do que milenar do saber” (CHAUNU, 1976, p. 118). O humanismo crítico não rompe de imediato com o saber teológico, mas implantam em longo prazo, as promessas de uma ciência do homem, preparando o terreno para a Revolução Científica.

O período Renascentista foi, de maneira geral, um período de considerável tolerância para com a ebulição intelectual da época. Segundo Klaas Woortmann,

O Renascimento é um momento de transição, fundamental para a ciência moderna – embora esta só tenha se constituído a partir do mecanicismo newtoniano – e para as ciências humanas em particular, pois a partir dele uma nova humanidade e uma nova alteridade começam a serem descobertas juntamente com uma nova cosmografia e uma nova cosmologia. (1997, p. 15)

Com isso, graças a essa tolerância é que temos a realização de duas das grandes descobertas do período; a cosmografia ligada ao que Pierre Chaunu denominou como “desencravamento planetário”¹⁶ com a descoberta do continente americano e a cosmologia com a formulação copernicana¹⁷ redefinindo o sistema planetário. Em seu conjunto, ambas as descobertas provocaram um profundo impacto para a

¹⁴ - O deísmo é a crença que apregoa que Deus gerou o universo, mais não o comanda, pois este se autorregula pelas suas próprias e automáticas leis. O deísmo caracterizou o pensamento iluminista antes do advento do ateísmo, no século XIX, sendo este a completa descrença em Deus, preconizado pelo materialismo científico moderno.

¹⁵ - O conhecimento humano aristotélico-tomista tem como base o fato de que sua origem se dá mediante a faculdade sensitiva, visto que todo nosso conhecimento começa pelos sentidos, daí vindo o axioma de Aristóteles – *Tábula Rasa* – significando folha em branco, mostrando que nada está escrito na alma e que é nas impressões sensíveis e das ideias incorporadas que se constitui o acervo do conhecimento humano.

¹⁶- Refere-se ao período das grandes navegações, iniciadas pelos portugueses, que estabeleceram rotas oceânicas de comércio e intercâmbio cultural entre os diversos povos, começando a desvendar a verdadeira geografia do planeta. O descobrimento do continente americano, por sua vez, proporcionou novos recursos e horizontes para a expansão da civilização ocidental.

¹⁷ -Nicolau Copérnico (1473-1543) e sua obra “*Sobre a revolução dos orbes celestes*” (1543) em que este defende matematicamente um modelo de cosmo em que o Sol é o centro (sistema heliocêntrico), e a Terra apenas mais um astro girando em torno do Sol. O modelo vai de encontro ao propalado pela Igreja em que a Terra se encontra imóvel, no lugar central do Universo.

filosofia/teologia, provocando o descentramento europocêntrico¹⁸ do mundo, desnortando o pensamento tradicional, pensamento este que considerava que

O homem ocupava um lugar mais significativo que a natureza física na obra da Criação; ele era o centro do Universo, e o mundo havia sido criado para seu uso. No pensamento moderno, a natureza é mais determinante que o homem. (WOORTMANN, 1997, p. 27).

A ruptura do pensamento medieval se torna mais clara ao verificar que para a física no medievo

Não só o mundo existia para uso do homem, mas era também plenamente inteligível pelos sentidos e com relação aos usos humanos desse mundo. As categorias básicas desse pensamento, de inspiração aristotélico-tomista, eram as de substância, essência, matéria forma, quantidade e qualidade. Tais categorias foram, no pensamento moderno, substituídas por tempo, espaço, massa, energia, etc., enquanto a quantidade ganha preeminência sobre a qualidade. (BERT apud WOORTMANN, p. 28).

Uma dessas mudanças está relacionada à utilização da matemática, pois ainda não existiam os recursos matemáticos básicos. Os sinais de + e – não existiam no mundo europeu até o século XVI. Na época de Copérnico, a geometria era a matemática utilizada e o pensamento dependente das representações espaciais. Ao desenvolver seus pontos de vista, Copérnico instituiu que o Universo é inteiramente constituído de números, criando uma implicação teológico-metafísica fundamental visto que, a Terra deixa de ser diferente dos demais corpos celestes e com isso, naturalmente, deixa também de ser o centro do mundo e por sua vez, da Criação.

Conforme observa Woortmann, “o mundo encantado do medievo é, pois, desencantado pela ciência, ao mesmo tempo em que esta, produto do pensamento humano, transforma seus mistérios em leis universais e em regularidades matematizáveis” (1997, p. 29).

Ao retirar o homem do centro do mundo e a Terra do centro do Universo, Copérnico proporcionou uma revolução teológica, como também antropológica no pensamento social, pois,

Estavam em jogo mais do que algumas linhas das Escrituras e mais do que um retrato do Universo. O drama da vida cristã e da moralidade que

¹⁸ - Visão etnocêntrica significa a tendência em eleger os valores e costumes do grupo em que a pessoa nasceu e foi educada, como normas infalíveis de juízos de valores das condutas de qualquer outro grupo sociocultural. No caso em questão a pretensa superioridade da civilização europeia em relação aos outros.

dela dependia não se adaptaria facilmente a um Universo, no qual a Terra era apenas um entre muitos planetas...Quando a proposta de Copérnico passou a ser levada a sério, ela criou problemas gigantescos para o crente cristão. Por exemplo, se a Terra fosse apenas um dos seis planetas, como preservar as estórias da Queda e da Salvação, com seu imenso impacto na vida cristã? Se existiam outros corpos essencialmente iguais à Terra, a bondade de Deus certamente necessitaria que eles também fossem habitados. Mas, se existirem homens nos outros planetas, como poderiam ser descendentes de Adão e Eva, e como poderiam ter herdado o pecado original, que explica a labuta do homem, de outra forma incompreensível, sobre uma Terra feita para ele por uma divindade boa e onipotente? Ademais, como poderiam os homens em outros planetas conhecer o Salvador que lhes abriu a possibilidade da vida eterna? (KUHN apud WOORTMANN, p. 55).

Outra revolução paradigmática do século XVI refere-se ao descentramento do mundo. Com Copérnico, a Terra e os demais planetas são da mesma natureza, submetidos às mesmas leis, podendo existir homens em todos os lugares, mas com Colombo, entram em cena outros mundos em “nosso planeta, também habitáveis e, de fato, habitados por outros homens, o que coloca, no plano geográfico, o mesmo problema relativo às Escrituras” (WOORTMANN, p. 56). Surge, então, uma nova concepção de espaço, pois a imagem que se tinha na cosmologia medieval era a de uma ilha, o *Orbis Terrarum*, não existindo continentes e nem oceanos. “O mundo de então era limitado ao conjunto de Europa, Ásia e África (...) cujo centro era Jerusalém.” (WOORTMANN, p. 57).

O oceano antes dos descobrimentos era o limite do mundo e etimologicamente, a palavra oceano significa invólucro, advindo do grego *Okeanós*. Este suporte imaginário do tenebroso mar não se constituía tão somente pela anomalia biológica e física que a imaginação coletiva atribuía como intrínseca aos oceanos (COELHO, 1988, p.50), pois no imaginário marítimo lusitano fazia-se a associação mar-tormenta-morte, tendo como quadro principal à negra fúria dos oceanos, citado, por exemplo, na epopeia camoniana.

Jean Delameau (2009, p.41) destaca que o mar era por excelência o lugar do medo e o sentido que os antigos atribuía à palavra mar justificava o terror que o mesmo causava, pois em quase todas as línguas europeias ela tem a mesma raiz e o mesmo significado,

morrer: em latim, *maré*; em irlandês, *muir*, genitivo, *Mara*; em cimérico (um dos principais dialetos do celta), *mor*, *myr*; em gótico, *marei*; em armoricano, *mor*; em anglo-saxão, *mere*; em alemão antigo, *mari*, *meri*; em francês, *mer*; em escandinavo, *mar*; em eslavo antigo e em russo, *moru*; em polonês, *morze*; em sânscrito, *mira*. Além disso, um dos nomes sânscritos do oceano, *martyo-dbhava*, significa a origem

ou a fonte da morte, assim como *maru* corresponde a deserto (MICELI, 1997).

A revolução geográfica do Renascimento estava intrinsecamente ligada à outra revolução, marcando de igual maneira a ruptura da visão do mundo medieval: o mercantilismo¹⁹, que inicia uma reviravolta no equilíbrio da sociedade.

Na análise de Deyon,

Do século XVI ao XVIII, ninguém se declarou mercantilista, e não existe nenhuma profissão de fé que permita classificar por comparação os escritos e as práticas econômicas do tempo. Esta situação introduziu certa confusão na história das teorias econômicas. Não existe definição comum do mercantilismo e de seus caracteres mercantilistas. Uns falam do nacionalismo autárquico, outros, do intervencionismo do nacionalismo autárquico, outros, ainda atribuem uma importância primordial ao bulionismo, isto é, a crença de que a acumulação dos metais preciosos é a única forma de riqueza (1992, p.11).

Destarte, “essa transição identifica-se historicamente com a fase final do feudalismo²⁰ ao capitalismo; mais ainda, à tradição feudal-capitalista na Europa Centro-Occidental” (FALCON, p. 27). Dobb salienta que a preocupação de caracterizar o mercantilismo e o aparecimento posterior do capitalismo é que há pontos decisivos no desenvolvimento econômico dos períodos ou épocas em questão,

[...] nos quais a continuidade é rompida, no sentido de uma mudança brusca de direção na corrente dos acontecimentos. Tais pontos de mudança abrupta na direção do fluxo histórico correspondem às revoluções sociais que marcam a transição de um sistema velho para um novo (1983, pp. 10/11).

Portanto, intrinsecamente ligado à expansão marítima e ao modo de encarar o lucro, advindo da ética protestante, não como pecado, mas fruto do esforço próprio, legitimando o espírito do capitalismo,

[...] é também um passo decisivo na constituição do indivíduo, revolucionando a concepção da sociedade e dando coerência social à futura metafísica newtoniana, tanto quanto para dar base experimental à ciência (WOORTMANN, p. 68).

¹⁹ - Para Falcon, o conceito de mercantilismo é “o conjunto de ideias e de práticas econômicas que caracterizaram a história econômica europeia e particularmente a política econômica dos estados europeus durante o período situado entre os séculos XVI e XVIII” (1982, p.59).

²⁰ - Palavra que teve seu ápice no período compreendido entre fins do século IX até o século XI. Ligado estreitamente a vassalagem que unia dois homens livres, o senhor (*dominus*), recebedor de fidelidade e o vassalo (*vassalus*), aquele que recebe sustento do outro. Ver Também Cap. 02 do livro de Mauricio Dobb – “A Evolução do Capitalismo”.

Com a descoberta do continente americano, um novo problema se insurgia no contexto do século XVI para a teologia, proveniente da existência dos habitantes do Novo Mundo. Eles eram humanos? Como escaparam do Dilúvio? Como chegaram ao novo continente? Essas e outras questões não eram fáceis de responder. Criaram-se solilóquios em que exigiam respostas de perguntas até então não cogitadas, pois pela primeira vez, a Igreja não dispunha de uma resposta já dada, necessitando da ciência para explicar os fatos perturbadores e que iriam perdurar “até o século XIX, quando se defrontaram uma “antropologia bíblica” criacionista²¹ e um evolucionismo neodarwinista²²” (WOORTMANN, p. 64).

Em 1537, o papa Paulo III, através da Bula *Veritas Ipsa*, proclamou a humanidade integral dos indígenas, afirmando que os silvícolas viviam em estado de pureza e para tanto estariam aptos para receberem o processo de evangelização, que ficou a cargo, principalmente, dos jesuítas.

As lufadas de mudanças atingem também a medicina que começa a se transformar no contexto humanista na busca de melhor conhecer os processos anatômicos do corpo humano, revelando dessa maneira uma nova concepção do homem, abrindo caminho para a dessacralização com o enfraquecimento da interdição teológica ao estudo experimental do corpo.

Outra mudança a ser salientada no século XVI é a Reforma²³, que conforme elucidada Woortmann, “[...] ocorrida no contexto das dúvidas e das audácias do renascimento, iria interagir com a ciência um século depois de deflagrada a nova percepção do homem e de sua relação com Deus e com a natureza” (p.72). Com isso, é preciso reter o significado mais amplo do movimento reformista, pois o mesmo faz com

²¹ - Doutrina baseada na Gênese Bíblica, segundo a qual o mundo e todos os seres vivos teriam sido criados por Deus de forma independente, simultânea e da maneira como existem hoje, e se mantêm biologicamente inalterados.

²² - A teoria da evolução biológica, fundamentada por Darwin em 1859, com a publicação de sua obra “A Origem das Espécies” e complementada posteriormente com os estudos da genética. Fundamenta-se na seleção natural, nas mutações casuais e na transmissão dos caracteres genéticos adquiridos. No século XX, foi aplicada com sucesso também à formação do universo físico, ao se descobrir, com a teoria do *Big Bang*, que este nasceu um dia e está também se desenvolvendo. Imputando a vida e o cosmo como simples obra de um simples acaso, essa teoria afastou definitivamente Deus da Criação.

²³ - Iniciado em 1517 por Martinho Lutero (1483-1546) quando o mesmo prega suas noventa e cinco teses nas portas da Igreja de Todos os Santos em Wittenberg e que rapidamente difundiu-se pela Europa, refletindo um anseio por autonomia política e de liberdade de pensamento. Em seus pontos fundamentais, Lutero recusa a autoridade institucional da Igreja e valoriza a consciência individual, como dotada de autonomia e de autoridade que toma o lugar da Igreja e da tradição, criando, com isso, uma cisão no mundo ocidental que trará repercussões até os dias de hoje.

que surja nos quinhentos, outro descentramento, “o cristianismo tornar-se plural, possibilitando, entre outras coisas, a noção moderna de religião” (p. 67).

A nova religião veio a favorecer a secularização da ciência, pois a nova teologia era “uma crença religiosa baseada na ordem, criando, dentro do mesmo campo religioso, um suposto prévio para a subsequente atividade científica sobre o mundo natural” (WOORTMANN, p. 77), pois tanto para a ciência como para a religião protestante, uma das características bem delineadas em ambas é a busca dessa ordem no mundo. No contexto da Reforma,

Liberdade religiosa e liberdade científica, ambas relacionadas aos “fatos”, bíblicos e naturais, caminhavam, assim, juntas. O argumento da autoridade, caracteristicamente escolástico, cedia lugar à autoridade da experimentação e ao exame direto dos fatos. (WOORTMANN, p. 83)

Sem adentrar mais verticalmente nas diferentes interpretações que se seguiram a Lutero (Calvino e Zwinglio), pode-se constatar que de “uma Reforma conservadora, iniciada por Lutero, termina numa verdadeira Revolução ética, desencadeando valores inovadores e novas propensões sociais de uma sociedade competitiva” (WOORTMANN, p. 103).

“*A Revolução Científica foi a expressão final do Renascimento e também sua contribuição definitiva para a moderna visão de mundo*” (TARNAS, 1999:270). Segundo Marcondes (1997:151), ela é o resultado da conjugação de dois fatores fundamentais;

1) Do ponto de vista da **cosmologia**, a demonstração da validade do modelo heliocêntrico, (...) 2) do ponto de vista da ideia de **ciência**, a valorização da observação e do método experimental, isto é, uma ciência **ativa**, que se opõe à ciência **contemplativa** dos antigos.

a teoria heliocêntrica de Copérnico explicitava de imediato o aparente movimento diário, assim como também o anual do Sol, ocasionado pela rotação da Terra em torno de seu eixo e sua revolução anual em torno do astro rei. A princípio, não foi dado muito crédito a sua argumentação, mas aos poucos, as implicações de cunho religioso da nova cosmologia provocaram ataques dos mais violentos. Entre as maiores vozes estavam a

dos reformadores protestantes, arguindo que a hipótese copernicana estava em desacordo contra diversas passagens das Escrituras²⁴.

Observa-se mais uma vez, de como a assertiva anterior, referente à postura de ruptura/permanência ocorrida no seio da Igreja, se encaixa no exemplo acima citado, pois se ambas discordavam em vários aspectos teológicos, por outro lado mantinham posições engessadas quando as palavras²⁵ contidas na Bíblia estavam em desacordo com as descobertas científicas.

Observa-se como o levantar do coro frente às novas postulações da ciência somente vieram a aprofundar a prolongada tensão entre a fé e a razão e os dogmas mais fundamentais da religião cristã sendo continuamente questionados pela inovação astronômica. As novas ideias criaram um cipoal de incertezas nas argumentações teológicas, cristalizadas na palavra bíblica, criando rupturas e dúvidas no pensamento do homem ocidental. O processo de dessacralização da sociedade aumentava a cada momento e o estandarte que começava a despontar é o da ciência, ciência esta de cunho ativa, moderna, que, segundo Marcondes (1997:151),

rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme). O saber teórico, e a técnica (téchne), o saber aplicado, integrando ciência e técnica e fazendo com que problemas práticos no campo da técnica levem a desenvolvimentos científicos, bem como com que hipóteses teóricas sejam testadas na prática, a partir de sua aplicação na técnica.

Na Terra planetária de Copérnico, os planetas continuaram a ter movimentos circulares²⁶, obrigando a Johannes Kepler a descobrir após 10 anos de intensos estudos que as órbitas obedeciam à outra forma geométrica, a elipse. Através de suas observações,

Kepler assim resolveu finalmente o antigo problema dos planetas e cumpriu a extraordinária previsão de Platão de órbitas singulares, uniformes e matematicamente ordenadas – e, com isso, justificou a hipótese de Copérnico (Tarnas, 1999:278).

Outro expoente de notável expressão foi Galileu Galilei (2000). Galileu trouxe à ciência uma visão inteiramente nova dos procedimentos científicos e entre as diversas

²⁴ - Elas se referem principalmente a Terra fixa, pois a Bíblia era a única autoridade absoluta.

²⁵ - Neste ponto em concordo plenamente com Paulo onde ele afirma que “*A letra mata e o espírito vivifica*” em 2º Cor. 3:6.

²⁶ - Modelo Ptolomaico.

contribuições efetuadas pelo mestre florentino²⁷, a que propiciou o fim do longo reinado de Aristóteles quanto à perfeição do céu foi o *perspicillum*²⁸.

Construído em agosto de 1609, foi o primeiro telescópio²⁹ astronomicamente utilizável e ao apontá-lo para a Lua e verificar as imperfeições na superfície do satélite³⁰, fez com que se perdesse a noção de que o céu seria a expressão da perfeição. Suas observações foram registradas no livro “*Sidereus Nuncius*” (*O Mensageiro das Estrelas, 2009*) e se hoje elas podem parecer pueris ao leitor menos avisado, na conjuntura da época³¹, acabaram por levá-lo ao tribunal da Inquisição³², tendo que abjurar as ideias copernicanas em 22 de junho de 1633, no Convento de Minerva, localizado na cidade de Roma.

Segundo Tarnas (1999:283), o proibimento

(...) causou dano irreparável na integridade intelectual e espiritual da Igreja. O comprometimento formal do catolicismo em relação a uma Terra estacionária eliminou drasticamente sua posição e influência nos meios da *intelligentsia* europeia. A Igreja manteria grande poder e reteria a lealdade nos séculos seguintes, mas já não podia reivindicar ser a representante da aspiração humana voltada para o pleno conhecimento do Universo.

A abjuração a que foi imposto Galileu demonstra o grau de conservadorismo e de rigidez da Instituição Igreja frente às novas postulações. Segundo Barbour (2011:22), três fatores foram decisivos no julgamento de Galileu; em primeiro lugar a autoridade aristotélica cujos escritos favoreciam a astronomia ptolemaica; em segundo, o argumento de autoridade da Bíblia, ou seja, as passagens que davam a entender que a Terra é o centro do Universo e por fim, seu desafio frente à autoridade da Igreja.

²⁷ - Além do telescópio, Galileu foi responsável por uma série de instrumentos técnicos entre eles as lentes, o microscópio, a bússola geométrica, os imãs, o termômetro e a balança hidrostática e a utilização destes instrumentos proporcionou ao empirismo um novo campo vindo a eliminar as teorias puramente filosóficas.

²⁸ - O neologismo *perspicillum* significa “pequeno telescópio”, mas não teve maior repercussão. Foi substituído pelo termo *telescopium* (em italiano *telescopio*), neologismo científico que terá aceitação universal.

²⁹ - A invenção não é de Galileu, já tinha sido registrada em 1608 por Hans Lippershey, fabricante de óculos dos Países Baixos.

³⁰ - Posteriormente, Galileu apontou o telescópio para Júpiter, identificando as luas desse planeta, assim como das manchas solares e de que a Via Láctea é formada por uma infinidade de estrelas. Esse conjunto de observações acarretou o destronamento do homem do centro do Universo a uma modesta posição, que hoje se sabe ser um dos braços da Galáxia.

³¹ - O endurecimento da Igreja é devido à ameaça protestante, fazendo com que qualquer posição inovadora fosse vista com ceticismo e por isso, herética, motivando a decisão oficial de proibir o copernicanismo.

³² - Galileu era um católico sincero e tentou conciliar a ciência e a fé. Esta sua postura pode ser visualizada na obra – *Ciência e Fé* (1988).

O processo de secularização tornar-se-á cada vez mais intransigente, não somente em relação às proposições da ciência, mas com toda e qualquer ideia que viesse a ameaçar a soberania dos ensinamentos propalados pela crença religiosa, pois a hierarquia eclesiástica sentia-se extremamente ameaçada pelas ideias reformistas e se encontrava desejosa de restabelecer sua autoridade.

A revolução copernicana foi “completada” por Isaac Newton³³ (2000) mediante a formulação de leis extremamente abrangentes que pareciam orquestrar a regência de todo o Cosmo, pois os fenômenos conhecidos até então, oriundos da mecânica celeste e da terrestre, foram unificados em um conjunto de leis físicas, estabelecendo-se como paradigmas da prática científica, reinando absolutas até a relatividade de Einstein.

Segundo Cassirer (1992:37),

É a solução racionalista do problema do homem. A razão matemática representa o elo entre o homem e o universo; permite-nos passar livremente de um para o outro. A razão matemática é a chave da verdadeira compreensão da ordem cósmica e da ordem moral.

O pensamento moderno foi moldado pelas novas concepções científicas e pelo humanismo, da qual se herdou e que sob muitos aspectos ainda o vivencia-se. O século XVII³⁴ foi um tempo de profunda crise da sociedade e da cultura europeia, conforme os dizeres de Marcondes (1997:159), *“um tempo de transição entre uma tradição que ainda sobrevive muito forte e uma nova visão de mundo que se anuncia”*.

Como entender estas mudanças? Inicialmente, conforme já explicitado, ter-se-á uma nova concepção de universo advindo da revolução científica; o abalo da autoridade universal da Igreja católica mediante a reforma luterana e os efeitos em seus múltiplos desdobramentos; o surgimento de uma nova ordem econômica, o Mercantilismo, substituindo as estruturas feudais, privilegiando o comércio da livre iniciativa e de postura individualista.

Mesmo ao recuar um pouco, o movimento renascentista ao elevar os valores da Antiguidade Clássica, acabam por introduzir forte oposição a arte de cunho religioso, por outra de caráter secular. A crise é uma crise generalizada de autoridade, tanto de cunho moral, teológica como do saber.

³³ - Ver também MASON (1964:152 a 164).

³⁴ - Para maiores informações, Roper (2007) analisa esta crise no contexto europeu no capítulo “A crise geral do século XVII” (pp. 85 a 143) e o historiador inglês Christopher Hill (2011) perpassa os episódios transcorridos na Inglaterra no século XVII.

Os seiscentos e setecentos transcorreram neste clima de ruptura, ruptura esta que rompia definitivamente com a tradição, com a autoridade da fé em detrimento da razão do homem e por fim, da valorização do indivíduo.

As ideias avançam, mudam, se reorganizam e levam consigo os homens numa maré de incertezas. A dialética se descortina em potência superlativa, arrebanhando corações apaixonados com as lufadas de transformações, aspirados em fortes haulos por aqueles que não seguem simplesmente a correnteza, mas controlam o leme de suas vidas.

As principais teorias e concepções científicas corrente nos oitocentos (positivismo, evolucionismo e o marxismo) traziam a marca do legado iluminista e concomitante a isto, progressista, racionalista e experimental.

A sociedade europeia estava, portanto, em um momento de confluência mediante a dialética de ideias que permeavam o ambiente dos oitocentos. A dialética se fazia presente, promovendo as alterações de entendimento e o modo de interpretação destas mesmas ideias.

Bibliografia

- BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião. Inimigas, estranhas ou parceiras?*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- BRUNO-GALILEU-CAMPANELA. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1983.
- CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CHAUNU, Pierre. *A História como Ciência Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Uma Crônica do Maravilhoso: Lenda, tempo e memória no culto da Virgem de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- CORVISIER, André. *Historia Moderna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- DEYON, Pierre. *O Mercantilismo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DELAMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente. 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DOBB, Mauricio. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FALCON, Francisco José Calazans. *A Época Pombalina*. São Paulo: Ática, 1982.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A idade Média. O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- HILL, Christopher. *O Século das Revoluções – 1603 – 1714*. São Paulo: Unesp, 2011.
- MASON, S. F. *História da Ciência. As principais correntes do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964.
- ROPER, Hugh Trevor. *A Crise do século XVII – Religião, a Reforma e Mudança Social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- TARNAS, Richard. *A Epopeia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- WOORTMANN, Klass. *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília: UNB, 1997. -